

O ÚLTIMO PARADIGMA?

THE LAST PARADIGM?

*Márcio Barreto*¹

Resumo:

O ciclo kuhniano é subvertido no início do século XXI com a emergência de velhos paradigmas já superados, como o do terraplanismo, e de negacionismos referentes à eficácia das vacinas e às evidências climáticas alarmantes e comprovadas através do método científico. Paradoxalmente, a própria tenocência da informação potencializa o impacto dos ataques que sofre ao viabilizar a disseminação customizada de informações falsas. Um novo paradigma, caracterizado pela subversão da própria ciência, apresenta-se, então, como o último deles, não pela superação epistemológica da tese de Kuhn, mas principalmente porque o que está em jogo é a preservação dos recursos naturais em flagrante contradição com a manutenção do capitalismo, ao qual interessa desautorizar a ciência a descrever a realidade para eliminar a resistência ao seu avanço através do negacionismo científico e de suas afinidades com o neoliberalismo e com o fascismo. O fim da ciência e a catástrofe ambiental estariam determinados não fosse ainda possível dar ouvidos aos povos originários, ouvir, como escreveu Viveiros de Castro, o “recado da mata”.

Palavras-chave: paradigma; negacionismo científico; capitalismo.

Abstract:

The Kuhnian cycle is subverted at the beginning of the 21st century with the emergence of old paradigms already outdated, such as and flat earthism, and of the vaccine efficacy denial and climate change denial, even though both has been proven by the scientific method. Paradoxically, information technology itself enables the impact of attacks and science denial through the customized dissemination of false informations. A new “paradigm”, characterized by the subversion of science itself, is presented as the last of them, not because of Kuhn's thesis epistemological overcoming, but mainly because what is at stake is the preservation of natural resources in contradiction with the maintenance of capitalism, for which it is necessary to disallow science from describing the reality and eliminate resistance to its advance through scientific denialism and its affinities with neoliberalism and fascism. The end of science and of life, if it were not possible to listen to the indigenous peoples or to hear the “message from the forest”, as wrote Viveiros de Castro.

Keywords: paradigm; science denial; capitalism.

¹Professor Doutor da Faculdade de Ciências Aplicadas (Unicamp / Campus 2 de Limeira). e-mail: marbar@unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8831-6792>

Introdução

Na conferência de abertura do colóquio *Repercussões Kuhnianas nas Ciências II*, realizado nos dias 29 e 30 de setembro de 2022 na Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA)², o Professor Silvio Seno Chibeni destacou aspectos interessantes da obra mais difundida de Thomas Kuhn: *A estrutura das revoluções científicas*, publicada em 1962.

Kuhn começou sua carreira como físico teórico e foi gradativamente aumentando seu interesse pela história da ciência. Segundo as palavras de Chibeni no referido evento, a espinha dorsal da concepção kuhniana de ciência consiste na tese de que o desenvolvimento típico de uma disciplina científica se dá ao longo da seguinte sequência aberta: fase pré-paradigmática, ciência normal, crise, revolução, nova ciência normal, nova crise, nova revolução, e assim por diante.

Chibeni pontuou ainda o fato de *A estrutura das revoluções científicas* ter sido escrito sem que Kuhn imaginasse o alcance que sua obra teria e sem a pretensão de que fosse uma obra que abarcasse todas as discussões que outros filósofos já haviam feito em torno do tema. Kuhn teria escrito o livro de maneira mais solta, como se estivesse escrevendo apenas para amigos, sem conhecer, por exemplo, o trabalho do filósofo alemão Rudolf Carnap, adepto do positivismo lógico e membro do Círculo de Viena.

A repercussão da obra, no entanto, foi enorme, não só na história e na filosofia da ciência, mas também, quiçá principalmente, em outras áreas do conhecimento, uma vez que o termo *paradigma*, cunhado por Kuhn nesta obra, foi tomado emprestado pelas mais diversas disciplinas e atividades intelectuais, da psicologia à engenharia, da medicina à pedagogia, e banalizado em seu emprego em analogias em textos publicitários ou mesmo em conversas informais.

O ciclo kuhniano, que parte da ciência normal para a adoção de um novo paradigma, passando pela crise do anterior, é subvertido no início do século XXI com a erupção de velhos paradigmas já superados, sobre os quais cientistas contemporâneos vêm-se obrigados a se debruçar, ainda que apenas no nível da comunicação científica. Como se necessário fosse superá-los uma vez mais, ao menos neste nível. O terraplanismo, que nos remete a um passado muito longínquo e a resistência às vacinas, que nos remete ao início do século anterior, ressurgem num contexto infodêmico em que a verdade é medida pela adesão a uma ideia, em vez de assegurada pelo método científico. A alternância de períodos de ciência normal e processos revolucionários motivados por contradições empíricas das quais desabrocham novos paradigmas é subvertida na relativização vulgar da verdade.

Popper, Lakatos, o próprio Kuhn, dentre tantos filósofos que voltaram seus esforços para a consistência e para a confiabilidade da ciência, provavelmente não imaginavam a possibilidade destes retrocessos, pois não experimentaram os desdobramentos do advento da internet que hoje percebemos. Como a própria realidade é colocada em dúvida através da propagação de falsas notícias e de inverdades científicas, a desregulamentação das vias em que a informação digitalizada circula pode nos levar a um novo e perigoso “paradigma”, o último deles.

² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1dZ9fpurdfc>.

O que está em jogo é a preservação do sistema capitalista em oposição à sobrevivência da civilização. Entramos numa sinuca ecológica que coloca em xeque a “civilização apoiada exclusivamente na trindade Estado no Mercado e na Ciência” (Viveiros de Castro, 2015, p.23). O capitalismo exige o crescimento do consumo dos recursos naturais, os quais, até meados do século XX, eram pensados como ilimitados ou sequer pensados como uma questão a se levantar, pois foram naturalizados como disponíveis na “mãe natureza”. No entanto, a finitude dos recursos entra em flagrante contradição com o caráter infinito do apetite de consumo do qual sobrevive o capitalismo. Ou o capitalismo repensa sua lógica ou ignora as evidências científicas de sua inviabilidade e consome cegamente o que resta do planeta.

O xamã Davi Kopenawa Yanomami, em *A queda do Céu*, alerta para o fato de que o Branco irá desaparecer junto com os indígenas, pois o céu cairá sobre todos. No prefácio da edição brasileira, Eduardo Viveiros de Castro escreveu que o livro nos leva à conclusão de que estamos na

iminência da destruição do mundo, levada a cabo pela civilização que se julga a delícia do gênero humano – essa gente que, liberta de toda ‘superstição retrógrada’ e de todo ‘animismo primitivo’, só jura pela santíssima trindade do Estado, do Mercado e da Ciência, respectivamente Pai, Filho e Espírito Santo da teologia modernista” (Viveiros de Castro, 2015, p.23).

São duas forças conflitantes: o sistema capitalista, com seu triunfante sucesso global, seu êxito em criar a imagem de que o consumo é a via para escapar da inexorabilidade do tempo, e a consciência dos limites de recursos, da fragilidade dos biomas, do equilíbrio ecológico em colapso, como evidenciam os estudos sobre o clima e as novas doenças infectocontagiosas. Negar estas evidências apresenta-se como opção que, a princípio, é muito frágil, pois dissolve-se diante do método científico, mas que ganha musculatura à medida que oferece uma solução para salvar o sistema vigente em sua íntegra, com suas injustiças e imperfeições.

O retrocesso de parte do senso comum que adere ao terraplanismo não soa tão inexplicável no cenário montado para salvar o sistema de suas incoerências com a realidade ambiental, bem como a irracional igualdade entre a verdade e a mentira e a indistinção entre o verdadeiro e o falso, o real e o imaginado. A aderência do senso comum às inconsistências científicas inerentes à planificação da Terra é parcialmente explicada se considerarmos que é motivada pela infantil atitude de negar a insustentabilidade do modelo econômico vigente. Delirar passa a ser lícito para avançar sobre os recursos que restam. O terraplanismo é um exemplo de questão pseudocientífica cujo objetivo é o de camuflar, através da negação da ciência, o avanço do projeto neoliberal de destruição. Nesta ótica, a necessidade de frear o capital se mostra mais inverossímil do que qualquer absurdo que se possa inventar.

É neste contexto que na política vicejam governos fascistas ao redor do globo terrestre, pois dão vazão à irracionalidade necessária para avançar sobre florestas, para ignorar os limites de água doce do planeta, para exterminar a diversidade de povos e culturas. É neste contexto que o genocídio se apresenta como solução para adiar o fim dos recursos e, assim, prolongar a vida do sistema capitalista tal como se apresenta.

A estratégia genocida do neoliberalismo foi percebida com lucidez pela escritora Susan George em *O Relatório Lugano*. Através da ficção, Susan leva ao

limite o pensamento liberal prevendo a eliminação de um terço da população mundial como forma de salvar o sistema capitalista. Como apontou Santos, o dramaturgo alemão “Heiner Müller deixou claro que não via Auschwitz como um desvio ou exceção, mas sim como altar do capitalismo, último estágio das Luzes e modelo de base da sociedade tecnológica” (Santos, 2017).

Produzir perdedores, impor a barbárie da lei do mais forte, exterminar os mais fracos e avançar sobre o ambiente são estratégias tecnocientíficas e econômicas do projeto neoliberal, tais como foram as do nazismo. Ambas levam ao genocídio, repudiado por Susan George, que o reconhece como objetivo final do sistema e o expõe em forma de ficção quase indistinguível do processo em curso na realidade.

As tecnologias da informação, tão reverenciadas no mundo contemporâneo, estão também a serviço dos interesses do duvidoso projeto neoliberal e o horizonte otimista de democratização do conhecimento que despontou nos primórdios da internet degenerou-se em infodemia, em manipulação de bancos de dados facilitada pelas ferramentas matemáticas dos algoritmos, cujos impactos sociais foram bem analisados por Cathy O’Neil em *Weapons of Math Destruction* (2016).

As mídias sociais, que infantilizam as emoções em *emojis*, que cultuam o indivíduo em detrimento do coletivo, que capturam a consciência e mesmo o inconsciente de seus usuários, contribuem com o escapismo fácil do negacionismo científico, pois criam o ambiente propício para a propagação de informações customizadas e não necessariamente verdadeiras.

As primeiras câmeras cinematográficas permitiram a captura de imagens em movimento com o intuito de reproduzir ou representar a realidade, mas, a partir do uso de câmeras para a vigilância, este artefato passou a interferir na realidade que antes absorvia. Com o advento das redes sociais, as imagens passaram a criar realidades: basta observar como grupos de pessoas diferentes percebem realidades distintas, por vezes antagônicas, como ocorre na polarização política no Brasil, onde a imagem do demônio para uns é do herói para outros, e vice-versa, abismo entre percepções forjado na desinformação circulante nas redes sociais. Mentira tem perna curta, mas seus passos se regeneram quando pisa nas vias em que circulam os fluxos de capital e de informações ao redor do planeta. Para perpetuar-se, o capitalismo predatório torna lícitas a fuga da realidade, a relativização total da verdade e a planificação da Terra. Com isso, encobre o horizonte catastrófico que desponta ali adiante.

A ciência, que desde o triunfo do mecanicismo não tinha o hábito de olhar para o sistema em que se insere, para a história que a moldou e para as suas bases metafísicas, vê-se agora atormentada pelos ataques negacionistas do seu entorno, gerados nos ambientes virtuais que as tecnologias da informação viabilizam, as quais estão sob o domínio de um punhado de empresas privadas que controlam o fluxo de informações ao redor do planeta. É preciso defender a ciência dos ataques que sofre oriundos de desinformações, mas também é preciso salvá-la da ingenuidade de sua pretensa neutralidade, da perversidade de sua contaminação pelo capital e da relação de oposição entre o humano e o maquínico.

* * *

Gilbert Simondon (2008), filósofo das técnicas, afirmou que o primeiro técnico é o pajé, o xamã que traz para sua comunidade um elemento novo e

insubstituível produzido num diálogo direto com o mundo, um elemento escondido ou inacessível para a comunidade até então. Religião e técnica, segundo ele, se distinguem a partir da separação entre *figura e fundo*, antes recíprocos e solidários no que chamou de reticulação do mundo, própria do momento mágico primitivo.

A cisão entre religião e técnica reconhecida por Simondon reverbera no descolamento da ciência moderna de suas bases metafísicas após o triunfo da lei da atração gravitacional de Isaac Newton, cuja fórmula possibilita calcular com exatidão tanto as grandezas físicas de um corpo em queda proximamente ao solo terrestre quanto as dos movimentos dos corpos celestes. A Gravitação Universal abriu caminho para o “projeto de fazer a natureza confessar de uma só vez a sua verdade, de descobrir o ponto de vista de onde, num só golpe de vista dominador, se pode contemplá-la, oferecida e sem mistério” (Prigogine; Stengers, 1984, p. 37), deixando no esquecimento a inspiração que a síntese newtoniana entre céu e terra retirou do hermetismo e o discurso de Deus inscrito na natureza que Newton acreditava ter revelado em sua fórmula.

Keiji Nishitani atrelou a dessacralização no ocidente ao predomínio do caráter utilitário assumido pela tecnociência e, pode-se acrescentar, à sua progressiva aliança com o capital.

Desde o advento da era moderna, a visão da ciência tem sido amarrada à questão do ateísmo. A rejeição da existência de um Deus personificado emerge como consequência da rejeição de uma visão teológica do mundo. Genericamente falando, este ateísmo tem se tornado o ponto de vista do racionalismo científico. Seu conteúdo sintetiza-se numa forma de materialismo. E seu espírito é o “progresso” (Nishitani, 1982, p. 53).

Para o filósofo da Escola de Kyoto, o conflito entre o olhar científico sobre a natureza e as concepções de mundo das religiões tradicionais traz à tona a questão do ponto de vista do homem moderno, cujo olhar subtrai das coisas suas essências impelindo toda subjetividade para a armadilha em que o desejo é identificado como sensação de falta insaciável.

A metafísica das bases da ciência moderna pulverizou-se diante da funcionalidade da lei de Newton e das possibilidades que ela abre para a domesticação da natureza. Como afirmou Simondon,

o homem moderno, ao mesmo tempo, da mesma maneira e pela mesma razão, degrada a tecnicidade e a sacralidade. Ele as degrada por utilizá-las numa situação de ansiedade, pois sente sua existência e seu prestígio ameaçados (Simondon, 2013, p. 80).

Alexandre Koyré, historiador e filósofo do pensamento científico, considera que a ciência moderna derrubou as barreiras que separavam os Céus e a Terra, que une e unificou o Universo, mas

substituiu o nosso mundo de qualidades e percepções sensíveis, mundo no qual vivemos, amamos e morremos, por outro: o da quantidade, da geometria deificada, no qual há lugar para tudo menos para o homem. Assim, o mundo da ciência – o mundo real – se separou do mundo da vida. Na realidade esses dois mundos estão unidos pela práxis, mas separados por um abismo. É nisto que consiste a tragédia do espírito moderno que desvendou o enigma do Universo, mas para substituí-lo por outro enigma: o de si próprio (Koyré, 1968, p. 96).

As fissuras entre figura e fundo, entre física e metafísica e entre o mundo da vida e o da ciência, configurou a tecnociência contemporânea, cuja dessacralização encontra ressonância no caráter profano instaurado na capilaridade das plataformas sociais digitais, inundando o imaginário do senso comum com falsas notícias, mentiras e manipulações de informações e imagens. Os absurdos do terraplanismo, da negação da realidade e da adesão a ideias fascistas tornam-se parcialmente explicados quando levamos em conta que estes delírios são construídos nestas plataformas como camuflagem para o impasse entre a lógica capitalista e a finitude de recursos do planeta.

No último período eleitoral do Brasil, era flagrante o descolamento da realidade por parte de grupos imersos em mídias sociais, nas quais abundavam informações falsas criadoras de uma realidade paralela. Os integrantes de tais grupos se percebem na fronteira do pensamento visionário, delírio coletivo que faz lembrar o que se viu nos anos 1960 em Woodstock, mas agora com as premissas daquele movimento invertidas, pois, em vez de paz e amor, as palavras de ordem transpiram guerra e ódio, em vez de ácido lisérgico e cannabis, a droga em circulação nas veias dos manifestantes da vanguarda do pensamento neoliberal era o hidróxido de cloroquina, cujo princípio ativo é, sobretudo, o negacionismo científico.

O caso do Brasil é trazido aqui como amostra do que vem ocorrendo, com diferentes roupagens, em todo o planeta. Estamos diante de exemplos de como os referidos absurdos se propagam tendo como pano de fundo a disputa entre o instinto de preservar o ambiente e, portanto, a sociedade, e a voracidade do consumo como motor do capitalismo obtuso.

A confusão entre verdade e mentira, ciência e opinião, realidade e fantasia, talvez vá além das questões da ciência e da política. A retidão objetiva do capital é também característica própria da inteligência. Segundo Henri Bergson (2001), a vida, em sua evolução criativa, dividiu-se em reinos vegetais e animais, os primeiros com a especialidade de absorver energia e os segundos com a habilidade da locomoção e do espalhamento da vida. Certamente, há nos vegetais alguma locomoção e nos animais algum nível de captação de energia solar, mas suas especialidades são bem definidas.

Seguindo o pensamento de Bergson em *A Evolução Criadora*, houve nova bifurcação no reino animal: para um lado, foram os invertebrados e, para o outro, os vertebrados. Os primeiros desenvolveram o instinto e sua forma mais elevada, a intuição, dentre os quais as abelhas e para as formigas se destacam; os segundos desenvolveram a inteligência através de um sistema nervoso e de um cérebro protegidos por ossos, com destaque para o ser humano. Claro que há uma franja de inteligência no instinto das abelhas e uma auréola de intuição ao redor da consciência dos seres humanos, mas nas atividades de ambos predominam a habilidade mais desenvolvida em cada ramo da bifurcação.

[...] na humanidade da qual fazemos parte, a intuição é quase inteiramente sacrificada à inteligência. Parece que, ao conquistar a matéria e ao reconquistar-se a si própria, a consciência teve que esgotar o melhor da sua força. Esta conquista, nas condições particulares em que se realizou, exigiu que a consciência se adaptasse aos hábitos da matéria e concentrasse neles toda sua atenção, enfim, que se determinasse mais especialmente em inteligência. No entanto, a intuição está presente, mas vaga e sobretudo descontínua. É uma lâmpada quase apagada, que se reaviva apenas de vez em quando, e apenas por alguns instantes (Bergson, 2001, p. 240).

A inteligência, segundo Bergson, prepara a ação do corpo no mundo exterior paralisando a situação em que ela se desenvolverá com o intuito de planejá-la, recortando da cena apenas aquilo que interessa ao cumprimento de um objetivo planejado. É neste sentido que a retidão e a objetividade são próprias da inteligência. Em certo sentido, a inteligência flerta com o egoísmo, pois, para executar a ação planejada, tende a retirar do caminho tudo o que não for de interesse para o sucesso da ação.

No limite, cegamente imbuída de um objetivo, a inteligência tende a ignorar o outro e, se necessário, eliminá-lo. É nesse sentido que ela é egoísta. Mas a vida em sociedade seria inviável se a inteligência não tivesse a contrapartida da intuição, do instinto que preserva a vida em sociedade como melhor forma de adaptação da espécie.

A inteligência anda ao redor da vida, observando de fora o maior número possível de perspectivas sobre ela. Mas é ao interior da vida que nos conduzirá a intuição, ou seja, o instinto desinteressado, consciente de si próprio, capaz de refletir sobre seu objeto e de alargá-lo indefinidamente (Bergson, 2001, p. 162).

Em *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, Bergson considera a religião, dentre outras reflexões interessantes sobre a complexidade da mística que a envolve, como uma espécie de freio ao apetite egoísta da inteligência, de forma que nossa principal habilidade é regulada para a preservação do nosso modo de estar no mundo.

O avanço irracional do capital sobre os “recursos naturais”, termo que já carrega a intenção de submeter a natureza ao consumo, é análogo ao desgoverno da inteligência humana, a uma espécie de hipertrofia do egoísmo inerente à atividade inteligente. As evidências científicas que oferecem resistência ao avanço do projeto neoliberal são ignoradas pelo inchaço do egoísmo a ele inerente.

Em contrapartida, a percepção da necessidade de rever o sistema parece vir do instinto de preservação da espécie e da vida em geral. Para Bergson, inteligência e intuição não são excludentes, mas complementares. No entanto, a referida hipertrofia induzida pelo neoliberalismo e as consequentes reações instintivas de preservação da vida convertem a complementaridade em tensão, em polarização.

* * *

Laymert Garcia dos Santos chamou a atenção para um vídeo em que Noam Chomsky considerou o segundo turno da última eleição para Presidente do Brasil numa perspectiva que aqui nos interessa. Chomsky considerava que se houvesse a reeleição do candidato da situação seria o fim do mundo humano tal como o conhecemos.

Chomsky advertiu que o que está em jogo nas eleições presidenciais brasileiras é nada menos que o futuro da espécie humana. Atenção: o linguista norte-americano não costuma ser catastrofista nem dado a exageros. Mais do que isso: é homem extremamente atento ao valor e ao peso das palavras. Então, é preciso ouvi-lo. E seria mais do que temerário ignorá-lo. Por uma razão muito simples e fácil de entender: sabe-se, cientificamente, que a Amazônia não aguenta mais quatro anos de devastação acelerada, atingindo, entretanto, o ‘ponto de não retorno’ que conduz inexoravelmente à desertificação. Com ela, à explosão do aquecimento global (Santos, 2022).

Havia na eleição brasileira para o cargo de Presidente da República, portanto, um embate entre as duas forças que continuarão a se enfrentar nos próximos tempos: de um lado, o apetite cego do capital e, de outro, o instinto de preservação da vida. Por enquanto, a vitória do candidato oponente, parafraseando Ailton Krenak, adia o fim do mundo. Caso, de agora em diante, o delírio coletivo dos grupos cooptados aqui e acolá pelos interesses do neoliberalismo se torne mais forte do que o instinto de preservação, a ciência entrará, então, em novo “paradigma”, diferente daquele que

na acepção kuhniana, pode ser seguramente interpretado como um conjunto conceitual que engloba a teoria, as perguntas possíveis de serem feitas, as formas legítimas de experimentação, as entidades que comporiam a realidade, os instrumentais conceituais e teóricos com os quais serão formulados os problemas, entre outros itens (Pereira, 2020, p.33).

Um novo “paradigma” caracterizado pela subversão da própria ciência, dissolvendo-a no pântano em que verdade e mentira não se distinguem, pois não mais substitui, por exemplo, a Gravitação Universal de Newton pela Relatividade Geral de Einstein, ou a cosmologia ptolomaica pela copernicana, mas submete o método científico pela necropolítica. Enfim, o último “paradigma”, não pela superação epistemológica da tese de Kuhn, mas principalmente porque será determinado pela “queda do céu”. As cíclicas passagens de um paradigma a outro se interrompem com o fim, não apenas da ciência, mas de qualquer possibilidade de civilização.

Os regimes fascistas acolhem a proposta de subverter a percepção da realidade em suas mãos como se fosse um par de luvas, pois neles a verdade se submete aos interesses do poder, nos quais ressoam as trombetas do apocalipse. No Brasil, as invasões do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do prédio do Supremo Tribunal Federal no segundo domingo de 2023 evidenciaram a barbárie do fascismo que ressurgiu ameaçando a democracia sem traços de vergonha ou de constrangimento histórico. Em última instância, travestida de patriotismo, a força inconsciente que os move é a da negação infantil da incompatibilidade entre o consumo galopante e desigual do capitalismo contemporâneo e as limitações do ambiente.

Viveiros de Castro, Susan George, Garcia dos Santos, Simondon, Bergson, Davi Kopenawa, Krenak e Nishitani são alguns pensadores que apontam para o sentido em que o sistema capitalista deve ser revisto, no sentido, por exemplo, de enxergar a Amazônia como um patrimônio hídrico, cultural e de absorção de carbono. Para que a tecnociência seja repensada e salva de suas apropriações pelo capital, para que as tecnologias da informação possam servir para a construção de um mundo que demore mais para acabar, para que evitemos a entrada naquilo que seria o último “paradigma” da ciência, é preciso captar a relevância deste momento em que o futuro da humanidade está em jogo. As antenas de Kopenawa e Krenak captaram “o óbvio”, como sintetizou Caetano Veloso na canção *Um índio* (1977)³.

³ Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante / De uma estrela que virá numa velocidade estonteante / E pousará no coração do Hemisfério Sul, na América, num claro instante / Depois de exterminada a última nação indígena / E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida / Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias [...] E aquilo que nesse momento se revelará aos povos / Surpreenderá a todos não por ser exótico / Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto / Quando terá sido o óbvio.

Na resistência ao processo de degeneração do ambiente, da democracia e da ciência, novas consciências ganham fôlego e se espalham pelo senso comum, como o a das desigualdades na distribuição da riqueza ou a do papel fundamental da igualdade de gênero e da diversidade de raças e de culturas, além da crescente percepção da obsolescência das fronteiras entre cultura e natureza e entre ambiente e sociedade. A estas consciências e percepções renovadas reagem o fascismo e o capitalismo voraz com desejos de morte e de destruição do outro.

De um lado, a aceleração total do nazismo, o egoísmo da inteligência quando não freada pelo instinto e pela mística da religião; de outro, a intuição que toca o espírito, a consciência crescente de que o neoliberalismo chega a seu limite e a consciência também de que a humanidade é mais rica em sua diversidade do que no privilégio de poucos. São forças incompatíveis e gigantescas que determinarão o futuro da humanidade.

Neste embate entre civilização e barbárie, a arte é capaz de revelar aquilo que, sem ela, não se consegue ver. As fotografias de Claudia Andujar, por exemplo, são um meio de acesso àquilo que se perdeu na aliança entre o capital e a tecnociência, à dimensão do sagrado vislumbrada no olhar dos indígenas yanomami por ela retratados.



Foto de jovem yanomami. Claudia Andujar (1976). Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/claudia-andujar/> Acesso em: 06 jan. 2023.

O cinema também é capaz de ampliar a percepção do espectador para além da limitada visão de mundo coagulada no tripé informação, consumo e emoções baratas. *Snowden* (Alemanha, França e EUA, 2016), e *O Dilema das Redes* (EUA, 2020), revelam a dissolução da privacidade no mar de informações que circulam na internet monitoradas com algoritmos matemáticos. Em *Não Olhe para Cima* (EUA, 2021), Adam McKay explora as entranhas do negacionismo científico em seus desdobramentos políticos e sociais. Em *O Dinheiro* (França, 1983), Bresson já anunciava a capacidade de um punhado de notas de dinheiro para costurar inverdades, injustiças e a ampliação de desigualdades sociais.

Dançando no Escuro (vários países, 2000), musical com direção de Lars von Trier, revela a cegueira do nosso tempo, só suportável pela esperança que o

sacrifício da mãe para salvar a geração futura traz ao espectador e pelas fugas de Selma, personagem interpretada pela cantora Björk, para seus sonhos musicais em vigília. *Estamira* (Brasil, 2004), filme dirigido por Marcos Prado, produz uma fenda na tela pela qual o espectador pode vislumbrar outro mundo possível, pois das alucinações da catadora emergem flashes de lucidez tão potentes quanto os raios e trovões que ela invoca.

O cinema e os sonhos têm naturezas que se aproximam em muitos aspectos, pois nos permitem experimentar diferentes graus de temporalidade ou, para usar um termo bergsoniano, diferentes contrações da duração. Em Bergson, o sonho nos revela um tempo capturado intuitivamente, pois durante o sono, como não há ações a se planejar, a inteligência se retrai. O cinema, ao suspender nossa atenção ao nosso entorno para imergirmos no tempo do filme, permite-nos exceder nosso campo perceptivo e, como nos sonhos, ver o que, a um só tempo, existe e não existe.

Em *Xapiri* (Brasil, 2012), o espectador se aproxima do transe dos xamãs yanomamis através da técnica da cinematografia. A não linearidade do tempo ritualístico expresso na superposição de imagens abre a possibilidade do transe do espectador, não o mesmo transe dos xamãs, cujas técnicas de acesso incluem, por exemplo, a inalação do pó de yäcoana, mas um transe que se dá através da fotogenia inerente às *imagens-eco*, as quais produzem um efeito tão irracionalizável quanto o da aparição dos espíritos *xapiris* aos xamãs.

O filme escancara o contraste entre o desumano projeto neoliberal que Susan George descreveu e a possibilidade de reconciliação com as forças de vida. Também o faz o livro *O Desejo dos Outros - uma etnografia dos sonhos yanomami*, de Hanna Limulja. A autora mostra como o transe xamânico se prolonga nos sonhos dos yanomamis e como a yäcoana produz durante o dia o que os sonhos permitem durante a noite.

Limulja nos desvia do “último paradigma” explorando a transcendência onírica da realidade num plano muito distinto daquele em que se constroem falsos mundos, apoiados em delírios negacionistas que reduzem os sonhos a desejos de consumo. Ela conduz o leitor a aproximar-se da transcendência mística yanomami pela imersão em sonhos que revelam a indistinção entre natureza e cultura.

Referências

BERGSON, H. *A evolução criadora*. Lisboa: Edições 70, 2001.

KOYRÉ, A. *Études newtoniennes*. Paris: Gallimard, 1968.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMULJA, H. *O Desejo dos Outros. Uma etnografia dos sonhos yanomami*. Ubu: São Paulo, 2022.

PEREIRA, D. N. A. *Tantos sóis, tantos mundos, tantas hipóteses: a história das teorias de formação do sistema solar e os progressos da ciência*. 2020. Tese (Doutorado).

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2020.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *A Nova Aliança*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

SANTOS, L. G. 30 de Outubro 2022 - *A 25ª Hora*. n-1 edições. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/30-de-outubro-de-2022-a-25a-hora> Acesso em: 03 jan. 2022.

SANTOS, L. G. *A solução final do capitalismo*. Disponível em: <https://www.laymert.com.br/a-solucao-final-capitalista/> Acesso em 03 jan. 2022.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 2008.

SIMONDON, G. *Sur la Technique*. Paris: PUF, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O recado da Mata. In: KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2015. p.11-42.

Recebido em: 08/2023
Aprovado em: 10/2023